VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

13.ª ETAPA - CARTAXO - LISBOA (158 KM)

PÁSCOA EM AGOSTO

E «AMÊNDOAS» PARA VALADA

Dois mais três são cinco. Cinco mais cinco são dez. Exactamente: dez homens. Foram dez homens que, na cavalgada para Lisboa, à chapa do terrível Sol de Agosto, realizaram, cada um segundo os seus interesses, um «contra-relógio à parte», prova que não vinha no Livro Oficial da «Volta-66» nem sequer estava prevista por quem se recordava ainda da odisseia da véspera, de Castelo Branco ao Cartaxo.

Aconteceu, porém, que o «amigo»

Pedro Moreira alcançou, à vontade, a sua vitória n.º 3

Carlos Carvalho, esse veterano da Volta a Portugal, já uma vez vencedor da grande competição, resolveu ser também dirigente do ciclismo e desarrincar a inovação, que se processou em 70-80 quilómetros dos 158 desta ligação rápida, da ribatejana terra do Cartaxo, afamadas termas de «líquidos medicinais»... até 15 graus, até à capital, quase deserta naquele feriadinho oportuno, sugestão de uma «ponte» remansosa, debaixo de um pinheiro ou à borda do mar.

«2-5-10». Não se trata de tácticas e bitácticas do ciclismo, no jeito dos «4-2-4» e dos «4-3-3» dos futebóis Aconteceu apenas que de uma fuga e duas contra-fugas, resultou aquela progressão matemática e, com ela o tal «contra-relógio» para Lisboa. endemoninhado, sensacional.

●

Primeiro, *o da ideia*, o tal Carlos Carvalho de cara abolachada, dentes ralos, barba cerrada, na companhia de Manuel Luís, o obrigatório homem do Benfica em todas as fugas. Dois homens.

Depois, o «nervoso» Cosme de Oliveira (um ciclista que, depois de uma rodagem progressiva, desde o início da prova, surgiu com um impressionante «bicho carpinteiro» de Castelo Branco para baixo) e, com ele, Florival Martins e — cá está! — o infalível corredor benfiquista escalado para *aquela* contra-fuga. Dois homens mais três são cinco.

Por fim, um quinteto que, segundo a terminologia do futebol, se pode considerar quinteto avançado — muito avançado, como se iria ver: Sérgio Páscoa, Alberto Carvalho, Manuel Ferreira, Francisco Valada e Américo Silva, os dois últimos — que se espera? — do Benfica! Cinco homens mais cinco são dez.

Tudo O. K. Entre Cercal (primeira tentativa) e Óbidos (última) ficou definida a tal cavalgada para Lisboa, em «contra-relógio».

●

E como foi feita essa «prova à parte»? Em entendimento cordial, com toda a gente, em jogo de mesuras, a «puxar para o monte»? Qual quê!

Foi evidente neste «grupo heterogéneo», de diferentes ambições, o choque de interesses entre a *parte activa*, aquela gente que *queria bolota* e, por isso, tinha a ideia de que *era preciso trepar*, e outra, *passiva* cujo papel, por muito «antipático» que fosse, segundo uma velha «imoralidade» do ciclismo, era o de «Maria vai com as outras», com o mínimo esforço possível.

Entre os *activos* havia ou, melhor, houve, *gente com força*, capaz de puxar, e gente que, pelo menos ao que nos pareceu, não podia fazê-lo, mesmo que quisesse, por falta das sobreditas cujas; entre os *passivos*, ora, entre os *passivos*, todos eram iguais no seu desejo de ir na roda dos outros, como quem vai à vela atrás de um rebocador...

Esclareçamos a coisa com nomes:

Activos com força: Sérgio Páscoa, Alberto Carvalho e, já em escalão muito inferior Cosme de Oliveira

Activo sem força: Carlos Carvalho, Florival Martins e Manuel Ferreira.

Passivos: Pedro Moreira, Francisco Valada, Manuel Luís e Américo Silva, quatro homens do Benfica, que não desejavam natural e legitimamente pelo menos até certa altura atacar o seu companheiro de equipa Fernando Mendes «camisola amarela» ocasional, claramente de circunstância, mas... «camisola amarela».

●

Já se deixa ver que, nestas condições, não tivemos, de homem para homem deste grupo que se «odiou cordialmente», aquele jogo de delicadezas de uma fuga em entendimento perfeito:

— Agora puxe V. Ex.ª...

— Por amor de Deus, primeiro V. Ex.ª...

— Por quem sois, agora puxo eu...

Seria enternecedor. Mas... não foi

Quem «agarrou naquilo», heròicamente, pondo o grupo nas horas de estalar, até Lisboa, por entre os vinhedos do ubérrimo concelho de Torres Vedras e depois, já na região saloia, entre as verduras da Malveira de Beatriz Costa do burrico e do burrié. foi, acima de todos, Sérgio Páscoa, o excelente ciclista do Tavira claramente «desassossegado» desde que se deixou Castelo Branco, a caminho do Sul.

Foi ele, o Páscoa, ajudado, agora e logo, por Alberto Carvalho e. de vez em quando, poucochinho, por Cosme de Oliveira, que «fez a despesa» da etapa, carreando progressivamente para o «Monte dos Dez» verdadeiro «Monte dos Vendavais» de um dia encalorado de Agosto, segundos sobre segundos, até à conta absolutamente invulgar, de quase treze minutos (faltaram dois segu-

(Continua na 6.ª pág.)

FICHA DA ETAPA

Corredores à partida: 42. Corredores à chegada: 41. Desistentes (1): Manuel Correia (Sporting).

Meta volante (Bombarral) — Cosme de Oliveira (F. C. Porto) em 2 h 1 m 52 s tempo inferior ao previsto que era de 2 h 04 m. (Cumprida a média obrigatória pela primeira vez em toda a prova!).

Classificação por equipas: 1.º, Benfica, 11 h 54 m 54 s; 2.º, F. C. Porto, 12.07.47; 3.º, Tavira, 12.08.09; 4.º, Cedemi, 12.20.40; 41 pontos; 5.º, Sangalhos, 12.20.40, 52 pts; 6.º, Sporting, 12.33.33; 7.º, Flandria, 12.34.07.

Média prevista: 37 km/h. Méregistada: 39,781 km/h.

SINAL DE VITÓRIA — Pedro Moreira faz o gesto dos vencedores, ao erguer o braço, no momento em que cortava triunfante a meta instalada na pista do Estádio de Alvalade

NA META — Leonel Miranda é o primeiro em Estremoz, não escondendo a natural alegria em que corta vitorioso o risco da chegada

HOJE CORRO EU!

Eu tenho o mais vivo respeito pelo chamado «amor clubista» deste, nacional, puro, genuíno, tão sentido, tão sincero, até tão dramático que ainda não sei bem como não surgiu, de citara em punho, um trovador do séc. XX, de aparelhagem electrónica escondida debaixo do balandrau, capaz de o cantar, em tom mais ou menos «shakespeariano», comovente, tocante, amargurado.

Chego a esquecer o pitoresco e até o ridículo de certas situações a que esse amor ardente, assolapado, obriga um sujeito, mesmo o mais inteligente, o mais assisado, o mais esclarecido, enfim, como diria o conselheiro Acácio, sempre gongòrimente conceituoso, um «válido e brilhante ornamento da vida desportiva portuguesa».

E, como já estou por tudo, desde admitir que se seja clubista sem ser desportista ou aferir a dedicação de certos «sócios prestigiosos» da colectividade X ou Y, não a uma ideia, a uma mística, mas pelo ardor com que eles odeiam a colectividade P ou Q, sinistra rival da sua, já nada me admira nem impressiona no comovedor sectarismo indígena, com cortes de relações aprovados, por aclamação, em solenes e históricos Parlamentos do Desporto, com o cerimonial da proclamação dos Direitos do Homem ou de uma declaração de guerra total, bactereológica, atómica e até hidrogenada, à discrição...

Só por isso me abalanço a dar publicidade a um episódio da «Volta-66» que tem um assanhado clubismo como motivo principal e que, sendo inocente e gracioso, não choca qualquer criatura normal, por mais pia e circunspecta que seja.

Acontece que anda na prova como motorista de um dos pomposos «carros oficiais», de gasolina federativa, de 76 octanas, essa curiosa figura do ciclismo que é «o pai do Valada», um sujeito bem instalado na vida mais ou menos infeliz progenitor de um ciclista cheio de qualidades mas considerado tão «fisiològicamente calão», para usar o sobredito cujo, que não há forma de dar ao papá a alegria de uma vitória valente e retumbante, como, por exemplo, ganhar a Volta a Portugal.

Ora «o pai do Valada», pessoa normal, que fuma o seu cigarro e bebe o seu café, pretendeu satisfazer o último destes seus vícios, exactamente no Estádio de Alvalade, pouco depois de o seu rapaz, metido na fuga de Óbidos, ter conquistado, nas bochechas de uns milhares de adeptos dos «leões», naturalmente esperançados no «acordar» dos seus corredores, a camisola amarela da «Volta-66»

Chegou-se para isso a um dos balcões dos bares do Estádio onde pediu, displicentemente a infusão da rubiácea, na dose comum de quinze tostões. E, porque é guloso e não sofre dos diabetes, «o pai do Valada» solicitou do empregado mais um pacotinho de açúcar, suplementar, o seu «doping» daquela hora em que o desgaste emocional pedia uma dose conveniente de polissacaridos.

E aqui é que a coisa se complicou. O empregado do bar ou por ser «Sporting desde pequenino», honra lhe seja, ou por um fenómeno de mimetismo que é válido tanto para os répteis como para os homens, mirou e remirou o sujeito e tendo-o «matado» como o tal, «o pai do Valada», esse incrível Valada que conquistara a camisola amarela, disse-lhe terminantemente que não, que não havia mais açúcar para dar assim, de «bonus», como os baldes de plástico, as faquinhas, as formas, os brinquedos e os panos de cozinha dos «poses para a roupa».

E «o pai do Valada», como queria mais açúcar e não olhava a despesas, procurou resolver a coisa da forma mais simples, ainda que mais onerosa: pediu outro café, com o seu inerente pacotinho de açúcar, puxando de mais quinze tostões, em boas moedas da Casa das ditas.

Simplesmente, o nosso amigo empregado, que era visceralmente impoluto, daqueles de não vergar, e, portanto, incapaz de pactuar com quem usava de tão execrando subterfúgio — pedir e pagar mais um café para poder dispor de mais um pacote de açúcar! — arrumou olimpicamente a questão, proclamando sem margem para qualquer apelação:

— Você sei muito bem é o pai do Valada. Não há cá mais cafés nem mais açúcares. Beba esse assim se quiser, não queriam lá ver!

VÍTOR SANTOS

15.ª etapa - LISBOA - ESTREMOZ (183 km)

LEONEL — O ESPIÃO

QUE SAIU DO QUENTE...

Também era o que faltava — que houvesse ciclismo, do bom, com fugas e contra-fugas constantes, na etapa de Lisboa para Estremoz, início da sempre penosa «Campanha do Sul», obrigatória na Volta a Portugal e realizada, infalivelmente, às «altas temperaturas» desta Siderurgia Nacional do Agosto lusitano, que põe o mercúrio a fazer tonturas...

É evidente que não podia ser. Esta nova travessia lateral do país, mais um zigue-zague da «Volta-66», que parece ter sido «costurada» numa máquina de plano inclinado, tinha «tantas atracções» que os ciclistas estavam completamente desobrigados de realizar «grandes coisas» e até pequenas, dessas de corridas de quermesse, com dois esticões, a cem mil réis cada um.

O leitor repare. Entre a capital meia adormecida, em plena hibernação estival, e a bela Estremoz orgulho do Alentejo, onde, nesta época do ano, se podem estrelar ovos sobre os paralelipípedos dos passeios tinhamos, pelo menos, três motivos de interesse, cada um no seu género, mas todos claramente suficientes para «encherem» a crónica da «Volta» naquela terça-feira abafadiça:

TUDO SE RESUMIU À «ODISSEIA DA SEDE»

1. A ponte.
2. O calor.
3. A água.

Exactamente. A ponte, essa fantástica ponte sobre o Tejo, sonho de mil gerações, foi, mais do que uma novidade da Volta a Portugal uma verdadeira obsessão para toda a caravana, desde os corredores e os dirigentes ao motorista do «carro-vassoura».

Viveu-se *a aventura de atravessar a Ponte* tão romântica e quixotescamente como a epopeia quinhentista da descoberta do caminho marítimo para a Índia. E quando, em plena travessia, se descobriu a *nova dimensão* de Lisboa, uma Lisboa ciclópica, em 70 milímetros, projectada em «ecran» panorâmico, com som estereofónico, houve uma total abstracção «daquilo» da «Volta», afinal uma corridinha de bicicletas liliputianas, feita por gnomos de movimentos articulados, mais ou menos ridículos...

E só depois, quando se deixou para trás o labirinto cosmopolita dos acessos, já com a sugestão de «sky-ways» americanas, dessas dos filmes, com automóveis derrapantes a chiar em cada curva, a «Volta» voltou «para dentro de si mesma», rolando a caminho dos interiores nacionais, escaldantes nesta época do ano.

Se ainda houve frescuras até às paragens sadinas de Setúbal, essa pequenina S. Paulo lusitana de três andares, que será, talvez, «a cidade que mais cresce em Portugal», depois de Lisboa, que dizer da progressiva «viagem para o calor», por essas estradas ardentes que parecem fumegar naquela «hora proibida» de depois do almoço?

Não. Não eram precisas fugas e contra-fugas, acidentes, quedas, furos, enfim, todo o arsenal de «episódios ciclísticos» de aura mais ou menos lendária. Bastava aquilo, a estrada faiscante que se estendia, a fremir como o carapau no azeite, à frente dos olhos, numa monotonia de paisagem tão bem marcada que se tinha a sensação de não sermos nós a caminhar mas, ao contrário, de serem as mesmas árvores, as mesmas leiras, o mesmo restolho, a *dar a volta* e a caminhar ao nosso redor, como uma roda de cavalinhos.

Caminho obrigatório: Marateca, Águas de Moura, Pegões Pegões-Gare, enfim, essa «rota do Alentejo» infalível, com as primeiras sugestões dos grandes plainos onde se ouve zumbir uma vespa à distância de dois quilómetros.

No pelotão rolante, fora um ou outro acontecimento para relato do dia, cronológico, com horas e números, nada, desoladoramente nada para além do calor asfixiante que sufocava os ciclistas e os lançava na patética e perigosa «odisseia da sede», que tinha alguma coisa de suplicante sempre que, aqui e ali se descobria uma mangueira misericordiosa, um balde, um copo, uma cafeteira, um jarro, que sabemos nós dessa «menage» da estrada mobilizada à pressa pelo povo, o povo que faz a «Volta» e a salpica de humanidade a cada curva do caminho.

(Continua na 6.ª pág.)

FICHA DA ETAPA

Concorrentes à partida: 41. Concorrentes à chegada: 39. Desistentes (2): António Santos (Sangalhos) e Emiliano Dionísio (Sporting).

Meta volante (Setúbal) — José Pinto (F. C. Porto), em 1 h. 4 m. 59 s.

Classificação por equipas: 1.º, F. C. Porto, 14 h., 39 m. 51 s., 19 pontos; 2.º, Benfica m. t., 25 pontos; 3.º, Sporting m. t., 25 pontos; 4.º, Flandria, m. t., 34 pontos; 5.º, Cedemi, m. t., 47 pontos; 6.º, Tavira, m. t., 52 pontos; 7.º, Sangalhos, 14 h. 40 m. 25 s.

Média exigida: 36 km/h. Média verificada: 37,438 km/h.

14.ª ETAPA - (9 KM)

NO «PEDITÓRIO» DE ALVALADE

GANHOU O «PAPA-CIRCUITOS»

Se não fosse o receio de que os nossos amigos federativos se zangassem, iríamos contando que, na passada segunda-feira, à noite, depois da «cavalgada» dos dez magníficos para Lisboa, a «Volta» foi até à pista de Alvalade fazer o seu «peditório»... Porque só assim, em estilo de bando mendicante, se podem compreender estas voltinhas de quermesse...

Mas se elas são precisas para que tenha tido existência a «Volta-66», pois muito bem, viva a pista e vamos todos perguntando, uns aos outros:

O belga VANDEN NEST conquistou a sua terceira vitória

— Já correu o seu circuitosinho hoje?

Em Alvalade foi o costume; o que valeu mais ainda foram as palmas e o Valada pai a vestir a «amarela» ao Valada filho.

Os ciclistas foram distribuídos por seis séries e, mais do que coisas a salientar, houve coisas a estranhar:

1.ª Série — Ganhou o Emiliano Dionísio, mas o Peixoto Alves — mais um segundo — não entrou na embalagem final.

2.ª Série — O Joaquim Coelho conseguiu destacar-se dos outros todos. O Benedito Silva, uma vez mais, não consentiu que ninguém entrasse atrás dele.

3.ª Série — Ganhou o José Pinto e correram todos muito certinhos.

4.ª Série — Também chegaram todos juntos. Ia lá o belga com nome de película, o Gevaert, mas foi o Carlos Santos que venceu.

5.ª Série — Ganhou o Sousa Cardoso e não houve nada para contar.

6.ª Série — A da vitória! Correu o Valada, já de amarelo, mas foi o último, separado do belga vencedor, o Leopold Vanden Nest, 22 segundos! O belga ganhou a série ganhou a sua terceira etapa (tudo circuitos: Vila do Conde, Sangalhos e Alvalade) e fez a média 42,800.

E foi tudo, com a única nota fornecida de que Vanden Nest pode considerar-se um «papa-circuitos»...

C. M.

OS FUROS DA VOLTA

A PONTE «GRELHOU» A VOLTA

Se me dão licença, eu, hoje, vou dar uma certa nota anticipativa a esta secção da reportagem da Volta a Portugal. A verdade é que tenho um certo grupo de amigos que, concluída a «Volta», gostam de fazer roda, mandar vir duas bicas e quatro copos de água, puxar da sua cigarrada e dizerem, com interesse mais ou menos real:

— Ora então, tu, que andaste lá na «Volta», conta coisas...

É claro que as coisas da «Volta» já estarão contadas, no dia-a-dia da reportagem, mas talvez, hoje, não se importem de formar a tal roda e ouvir contar duas histórias, das tais, particulares à parte para os amigos, e que representam, ao fim e ao cabo, dois «furos» desta «Volta-66».

Nanja que tenham sido «furos» dos ciclistas ou da organização, mas isto, quem anda por fora, também racha o seu bocadinho de lenha e também dá as suas «barraquitas».

A primeira história que vos vou contar, é de como a Ponte, a célebre Ponte, a formidável Ponte, «grelhou» a «Volta».

Este «grelhou», vá-se dizendo, não tem nada com o calor quase assassino, que fez nestas tardes e que não sei, ao certo, se terá sido mandado pela tal liga maçónica, ligada à Organização, que anda disposta a pagar o mínimo possível de diárias.

Mas aconteceu que os homens da informação, muito especialmente os nossos amigos fotógrafos, perderam a cabeça com a Ponte. Que é sensacional, como todos vocelências já sabem e que põe um ar de modernismo à Lisboa que se insuste em querer velhinha, de xaile e lenço, que é mesmo de «tarar», como soe dizer-se agora.

De modo que havia um plano todo ponte: o Jorge Pereira dava um prémio ao primeiro a sair da ponte, os fotógrafos meteram «reforços» de camaradas lisboetas e prepararam-se para fazer fotografias, lindas, radiosas, dos pequenos em pleno esforço, a «pontar», que é como quem diz, a passarem na Ponte.

Mas a faixa de rodagem da Ponte, metade é alcatrão, metade é grelha. E a grelha dá cabo das rodas das bicicletas. E foi resolvido neutralizar a Ponte. Para o ciclismo, ficou a ser uma Ponte sem inclinações clubísticas, pois os mancebos das rodas pedaleiras passaram lá em ar de passeio.. E houve bonecos, lindos, mas sem o esforço dos rapazes. E a «Volta», a sério, a doer, a furar, não passou pela «Ponte». Por causa da grelha. A Ponte «grelhou» a «Volta». E a verdade é que estava mesmo um calor de grelhados...

Mas não se vão embora, que ainda tenho aqui outra, que mete bombeiros, sem intuito de fazer concorrência à Bombeiral, do Solnado. Como compreenderão, os rapazes dos bombeiros, nestes dias de calor, têm sido grandes figuras da «Volta».

Porque, algumas corporações, mandaram os carros-tanques para a estrada e, mangueiras bem apontadas ao alto, proporcionaram uns duches que fizeram a verdadeira delícia dos ciclistas. Bem haja!

Mas, na estrada que vai para Setúbal, antes do cruzamento para Sesimbra, aconteceu uma coisa do arco da velha. Calculem que se deparou com um estendal verdadeiramente impressionante: o carro-tanque parecia novinho em folha. Os rapazes estavam garbosos e perfilados, mangueiras em riste, quase prontos para um daqueles finais de acto do «Folies-Bergères» (refiro-me aos efeitos de água, é evidente). Um graduado comandava as operações...

Parámos o carro, para observar. Porque tanto aprumo, tanta organização, merecia referência especial. E mais: cheirava a burocracia, a ordem de serviço distribuído à Corporação, a serviços de escala a coisas a sério...

Os ciclistas vinham. O graduado graduou, mandou preparar, num género de «preparar, prontos, regar...» e quando os mancebos, sedentos, desvairados, empoeirados, aquecidos (de tarde é que é bom..) se «fizeram» às mangueiras, o motor fenneceu, os nossos bons bombeiros empalideceram... e daquilo não saiu água, nem pinguinha comparável a fontenário de aldeia, em reparação! Foi um fiasco!

Mas houve logo quem consolasse os bravos rapazes, pelo seu «furo» aquático, naturalmente decepcionados, depois de uma preparação tão perfeita:

— Ora, ora . mais conhecimentos têm os americanos, lá no cabo Kennedy e, a maior parte das vezes, também anunciam o lançamento de foguetões e não sai nada! Que admira, portanto, que a água tivesse ficado na rampa de lançamento das mangueiras?

CARLOS MIRANDA

DRAMA — Uma queda constitui para um ciclista um autêntico drama que, imediatamente, desperta no acidentado dois sentimentos de pavor: um, as possíveis consequências físicas do desaire, outro, o natural atraso na etapa. Felizmente para Pedro Moreira, que a gravura nos mostra em plena estrada com a sua máquina, tudo não passou do susto, porque pôde recuperar

FIGURAS DA VOLTA

«SEU» BENEDITO

PAI DE SETE CRIANÇAS

«Seu» Benedito. Benedito Duarte da Silva. Pai de sete crianças, casado com D. Teresa. Trinta e quatro anos. Uma oficina de bicicletas, lá no Brasil. Um homem sossegado, sem ondas, metido nisto do ciclismo.

É o «Lanterna Vermelha» da classificação geral. Chega quando chega... mas chega sempre.

É o rei da simpatia. Poucos falámos com ele, mas quando vislumbramos o pelotão, mais do que os Roques, os Silvas, os Peixotos, nós preocupamo-nos, espraiamos a vista a perguntamos:

— O brasileiro? «Cadê» o Benedito?

Porque o Benedito é sóbrio. Sem gestos de sofrimento, sem se espantar por ainda andar na «Volta» Ao princípio, logo nas primeiras tiradas, a turma comentava:

— Coitado do brasileiro! Hoje leva uma remessa...

Não levou. Tem um amigo seguro no treinador, o Dias Santos, o tal que, num dia de entusiasmo, proclamou a todo o mundo:

— Limpámos o sarampo à «gajada» de Lisboa!

Ninguém se zangou! Pois se eles, os portistas, até tinham limpo...

Pois o Dias Santos mudou inteirinho. Saiu nortenho e regressou «brasileiro no duro», a falar à moda di lá...

O Dias Santos sofre na meta. Porque chegam os ciclistas, todinhos, às vezes até chegam carros de apoio, de bagagem e do mais que pode chegar. E o brasileiro não apareceu...

E aí temos o nosso Dias Santos, olho na estrada, olho no juri, olho no relógio, a sofrer que nem um danado, a pensar que o «contrôle» vai encerrar...

E então, há sempre quem pergunte:

— Dias Santos, cadê o brasileiro?

— Esse «cara» vem aí, preguiçando...

E o pobre do preguiçoso, «seu» Benedito, pai de sete crianças, marido de Dona Teresa, vem aí, bufando, dando tudo o que tem e o que não tem para dar, insistindo na sua ideia firme de chegar ao fim, de não falhar aos aplausos da «plateia», como ele refere, tão magnificamente.

E vale a pena expressar a nossa não concordância com o Dias Santos, quanto a essa história de «seu» Benedito, pai de sete crianças, marido de D. Teresa, viver a «Volta» preguiçando:

— Escute aqui, «seu chapa», porque a verdade é que se «seu» Benedito fosse mesmo da turma do «preguiça», aí ele já tinha dado uma paradinha em qualquer bocadinho de serra mais inclinado, e já tinha armado sua rêde em pinhal frondoso, buscando sombra e bilhinha de água fresca.

«Mas «seu» Benedito é «cobra mesmo». O que é, é que não vai a matar... ele prefere fazer as coisas mais de vagarinho, mas sairem perfeitas... E enquanto muitos outros assim que «a cobra começa a fumá» foram, direitinhos, para casa, «seu» Benedito, montado na sua bicicleta, vai «maneirando», «maneirando» e chega sempre ao fim.

«Compreendemos, Dias Santos, que você deve sentir um nervoso todo miudinho de o tempo passar e não vêr o «cara» entrar pela meta dentro. Mas tem de ter confiança... porque nós, que pensávamos que o «chapa» ia, direitinho, no primeiro voo da amizade, já passámos a confiar no «cara» e a admitir que, com esta regularidade, ele ainda regressa mais tarde ao Brasil, de que «seu» Feola... que está a espera que a «turma» esqueça o Manga e as suas tremedeiras.

É uma figura da «Volta». Reparem nele. O nosso fotógrafo, o João Ribeiro, passa a vida a recomendar-lhe:

— Benedito, vai para o meio do pelotão...

Mas Benedito nunca o ouviu, anda cá pela cauda, deixa-se ficar para trás, e tem um trabalho enorme a recuperar. Reparem nele, de camisola encarnada e verde...

É «seu» Benedito. Homem sério, com uma oficina de bicicletas. Trinta e quatro anos, casado com Dona Teresa, pai de sete crianças. Homem sisudo, bom chefe de família, metido «nisto» das bicicletas.

A turma gosta de você, seu Benedito!

CARLOS MIRANDA

UMA NOTA DE QUINHENTOS...

SE PERDER A CAMISOLA

...ELA FICA NO BENFICA

Pois, amigos, se a nota de quinhentos, pertença dos «camisolas amarelas», fosse de andar de mão em mão como as «pombinhas da catrina», por certo que já estaria desconfiada...

Porque isto tem sido de repentes. Ainda no passado domingo ficámos todos sossegados com um novo «nota de quinhentos» o Fernando, irmão do Laurentino, que tinha uns 19 anos todos vestidos de amarelo.

Pois mal se percataram, nem ao menos respeitando o «rico feriado à segunda-feira», os moços fizeram uma corrida de estarrecer e, vai daí, arranjaram um novo camisola amarela, o Valada.

Valada filho de Valada. Que nem se sabia quem ficou mais contente, se o filho que a ganhou, se o pai que é da Volta também e a viu ganhar.

Como ainda não se percebeu quem é que faz mais força nas subidas, se o pai, se o filho.

Mas isso do Valada já começa a ser história velha. E todos saberão que entrou na fuga porque entrou, que nem sonhou com isso da camisola amarela e já estava no duche, muito fresquinho, com água a merecer louvores e hossanas, quando lhe vieram dizer: «Pois, sim, senhor. És tu, ó Valada, que passaste a ser o «camisola amarela».

— convicção de FRANCISCO VALADA

—Bem. A coisa não tem corrido mal e a verdade é que, por agora, o meu papel tem de ser este: defender!

— A camisola amarela...

— Era um sonho lindo de há muitas Voltas, que não havia maneira de se realizar. Calhou ser desta feita...

— Para o seu pai...

— Foi umafesta!

— Que é que lhe tem dito?

— Pouca coisa... Que me aguente!

— E o Valada?

— Eu vou ver se me aguento...

— A diferença é pouca...

— Sim. Mas tenho a equipa completa e colegas bem classificados. Estou convencido de que se tiver de perder a camisola, ela ficará à mesma no Benfica!

— Não pensa, portanto, em atacar?

— Não. Até ao «contra-relógio», quero ver se me deixam ir sossegado. Depois, aí, é que terei de tratar da vida.

— Ganhar maior vantagem...

— Ou então falhar...

— E se falhar?

— Se eu falhar pelo menos o Benfica não perderá. Estou convencido de que, nesse caso, o Peixoto saberá resolver a situação.

— Aguardemos pois o «contra-relógio»...

— Acho melhor.

CARLOS MIRANDA